

GAZETA MEDICA DA BAHIA

Publicação mensal

ANNO XII

AGOSTO, 1880

N. 2

HELMINTHOLOGIA —

NOVOS FACTOS SOBRE AS FILARIAS DO SANGUE

No intuito de informar os nossos leitores ácerca dos trabalhos recentemente publicados sobre a questão das filarias do sangue, encontradas tambem nos tecidos e humores pathologicos em algumas molestias dos paizes intertropicaes, daremos hoje um extracto de uma importante noticia que sobre este assumpto foi lida em 27 de fevereiro ultimo pelo eminente helminthologista inglez o Sr. Dr. T. Spencer Cobbold, em sessão do *Quekett Microscopical Club*, e publicada no respectivo jornal (n. 43, vol. VI).

A *Gazeta Medica* tem registrado nos seus ultimos quatro volumes numerosos trabalhos nacionaes e estrangeiros sobre esta importante questão, que teve aqui a sua origem no anno de 1866 com o interessante descobrimento das larvas de filaria na ourina chylosa, feito pelo nosso fallecido collaborador Wucherer.

Ahi se encontram dispersas em suas paginas todas as conquistas alcançadas pela diligencia de muitos observadores infatigaveis em diversos paizes, e das quaes não pequena parte é devida á investigação de compatriotas nossos.

Os factos que vamos narrar são o seguimento d'aquelles a que acima nos referimos, e vêm accrescentar no-

vos e preciosos materiaes aos que já possuíamos para o estudo d'esses mysteriosos viventes, outr'ora occultos ás nossas vistas nos recessos do organismo do homem, e para a comprehensão de diversas molestias de causa igualmente mysteriosa, ás quaes elles se encontram constantemente associados.

Depois de um resumo historico das filarias, que chega até o principio do anno passado, o douto presidente do *Quekett Microscopical Club* analysa e commenta os novos factos contidos na correspondencia cujas peças apresenta em sua integra, e das quaes tambem extractaremos as passagens mais importantes.

Diz elle:

«Na presente communicação o Dr. Manson começa referindo-se aos mosquitos (murissocas), e a um es-crôto chinez que tenho em meu poder. Fornece particularidades do caso a que pertence esta preparação es-crotal. Aponta o facto recentemente observado de que os vermes entram para o sangue periodicamente. Interpreta a significação d'esta lei de periodicidade em algumas das suas mais obvias relações.

«Parece ter descoberto o meio especial de que se servem os insectos para pescar, por assim dizer, os hematozoarios. Explica as consequencias immediatas d'este curioso phenomeno.

«Accrescentarei, entre parenthesis, que este processo offerece um exemplo notavel dos chamados ectozoarios parasitas livres raptarem verdadeiros entozoarios do hospedeiro humano, e conservarem-n'os presos, e alojarem-n'os, como hospedes transportados, no seu proprio interior.

«A cousa não pára ainda aqui. Explica o Dr. Manson como é que o sangue humano deixa de conter filarias á

tarde. Apresenta um mappa dos resultados do exame diario do sangue em diversas horas. Mostra como os embryões, com uma pontualidade quasi militar, marcham para os seus quartéis nocturnos. Repetidas observações dão prova d'esta extraordinaria conducta. Allude á importancia d'estes factos em relação á etiologia das febres paludosas.

«Cabe-me agora observar que esta novidade em helminthologia toca de alguma sorte as raias do maravilhoso. Bem comprehendidos os factos, quer-me parecer que nem o parasitismo da *Trichina*, nem o do *Echinococcus* avultam em interesse como o das *Filarias* humanas. Ha provavelmente nos tropicos milhões de victimas, muitas das quaes soffrem graves molestias em consequencia da invasão dos seus tecidos. Que á vista de tão assombrosos factos como os que n'estes ultimos annos têm vindo a lume, haja profissionaes de nota avessos ao acoroçoamento de investigações d'esta especie, é um d'esses phenomenos sociaes retrogrados que eu muitissimo deplóro; mas quando se trata dos interesses da humanidade, não devemos consentir que semelhante menospreço embarace os nossos esforços.

«Todos sabem que o naturalista, o physiologista e o medico apreciarão cada qual a seu modo estas descobertas, partindo de differentes pontos de vista; e é mister que algum engenho de ordem superior confronte os phenomenos todos em relação á causa e effeito. Até agora só tive occasião de conversar mais detidamente com um medico sobre o assumpto. No pensar do Dr. J. Mortimer Granville não devemos procurar solução ao phenomeno da migração local periodica no sentido de que ella provenha de alguma necessidade especial por parte do entozoario, e sim como dependente de

estados physiologicos variaveis que affectem o hospedeiro. Seja ou não exacto este modo de ver, eu tenho por importantissimas as suggestões do Dr. Granville; e como elle teve a bondade de m'as communicar em extracto por escripto, ajunto-as a esta introduccão em forma de commentario separado.»

O Dr. Cobbold menciona em seguida uma communicacão do Dr. Somerville, de Fuchow (China) ácerca das filarias do cão. Em referencia ás filarias do sangue humano, diz este medico serem ellas comparativamente raras em Fuchow. Mas o Dr. Cobbold observa que, do mesmo modo que terá succedido em outras partes, as indicações negativas poderiam ser devidas ás horas do dia em que tenham sido feitos os exames do sangue.

Depois allude a outra communicacão do Dr. Bancroft, na qual se trata de factos que confirmam a sua primitiva opinião, de ser na realidade devido á presença das filarias do sangue o tumor especial a que elle chamou *Helminthoma elastica*. De maior interesse é, todavia, a circumstancia de ter elle verificado pela observação ser o piólho ordinario do cão (*Trichodectes latus*) o portador intermediario da larva da *Filaria immitis*. O Dr. Melinkow já tinha demonstrado experimentalmente as funcões de medianeiro que exerce o piólho em relação á larva de um cestoide (*Tenia cucumerina*); pelo que não deixa de ser bastante curioso que este insecto represente o mesmo papel a respeito de um parasita nematoide.

Ao terminar os seus commentarios o Dr. Cobbold toca na questão discutida nas paginas d'este periodico entre os Srs. Drs. Paterson e P. S. de Magalhães, relativa a ser verdadeiro ou apparente o envolvero das filarias do sangue. (V. *Gaz. Med.* 2ª serie, vol. 4º, 1879.) O sabio hel-

minthologista aprecia esta questão do modo seguinte:

« E' para desejar que, no interesse da sciencia, se publiquem os factos sobre os quaes assenta esta controversia, indevidamente calorosa, na qual, sem duvida alguma, levou a melhor na argumentação o Dr. Magalhães. Até onde chegam as minhas proprias observações, nem o Dr. Magalhães, nem o Dr. Paterson, nem o mesmo Dr. Lewis parecem ter interpretado correctamente a natureza d'este envolucro.

« O Dr. Lewis persistiu sempre em chamar—bainha—á textura em questão. Parece ter escapado ao conhecimento de quasi todos os observadores, que o chamado envolucro não é mais nem menos do que uma ordinaria cahida da pelle (*skin-cast*) como a que acompanha invariavelmente as mudas nos vermes nematoides. Diferentes nematoides embryonarios mudam a pelle em epochas diversas, e, de ordinario, é esta muda acompanhada da alteração na forma e estructura da larva, comprehendendo a perda da cauda primitiva. »

Em um appendix reúne o Dr. Cobbold por extenso os documentos a que allude na sua exposição, e em extracto os argumentos dos Drs. Magalhães e Paterson, a favor e contra a existencia de um verdadeiro envolucro nas microflarias do sangue. Os notaveis escriptos d'estes nossos estimados collaboradores já os conhecem os leitores da *Gazeta Medica*, pelo que nos dispensamos de reproduzir aquelles extractos. Os outros documentos, porem, pela sua novidade e importancia merecem ser aqui registrados.

1.º CONSIDERAÇÕES DO DR. MORTIMER GRANVILLE SOBRE
A MIGRAÇÃO DAS MICRO-FILARIAS.

Julgamos conveniente dar por extenso este documento.

«Admittindo que se tenha por habitual a mudança de logar, e que ella não seja uma generalisação precipitada de dados insufficientes, será, ao meu ver, de grande valor para quem estuda os phenomenos rythmicos, taes como o do — somno.

«A mudança de logar pode muito bem ser attribuida á mudança de estado. Considerados os habitos de vida nos organismos inferiores, mal se pode suppor que a periodicidade dependa do estado, ou das necessidades das filarias. Não é provavel que o parasita precise de descanso, ou que busque localidades especiaes para alimentar-se; parece mais provavel que o estado do liquido circulatorio determine a presença ou ausencia das filarias na sua principal corrente de noite e de dia, respectivamente, ou durante os estados de vigilia ou de somno. A vossa resenha verbal do escripto do Dr. Manson *não é bem explicita quanto a depender do somno a mudança de logar, ou depender simplesmente de approximar-se a noite.*

«As alterações e alternações de estado que se dão no sangue são tres (talvez quatro) em numero, no que diz respeito a qualquer organismo vivo que n'elle exista.

«1.º — A rapidez da corrente diminue no decubito horisontal, e (*nas mulheres e crianças ao menos*) ainda mais diminue durante o somno. Parece provavel que haja tambem uma mudança integral na relação dos corpusculos vermelhos e brancos, analogo á que se vê quando é retardada a circulação na textura da pata

deitado, sejam os parasitas lançados á corrente principal, e appareçam por isso em maior numero.

«E' cedo para especular com as causas do phenomeno, que pode ainda vir a reconhecer-se excepcional; mas no caso que venha a ser sustentada a conclusão a que se chegou, competirá certamente aos physiologistas levar mais longe em suas particularidades do que até agora o tem feito, certas investigações menosprezadas, como seja a alteração do sangue durante o somno, e quando o cerebro e o corpo estão despertos.»

2.º CARTA DO DR. MANSON, ESCRIPTA DE AMOY (CHINA)
EM 20 DE FEVEREIRO DE 1879.

(*Extracto.*) — Diz o Dr. Manson que remette ao Dr. Cobbold mosquitos contendo filarias, os quaes tinham sugado sangue de um individuo cujo escrôto amputára, e que tambem este individuo tinha filarias no sangue antes da operação, e tambem por algumas semanas depois d'ella, o que mostra haver ficado no seu corpo a filaria adulta. Outra circumstancia de grande interesse n'aquelle caso é que — «elle mostra um factó novo na historia das filarias; — os embryões entram para o sangue com intervallos regulares de vinte e quatro horas, começando esta passagem logo depois do sol posto e continuando até perto da meia noite; d'ahí por deante até ao meio dia seguinte vão pouco a pouco diminuindo em numero; das duas ou quatro horas até ás seis faltam quasi inteiramente. Este factó é muitissimo notavel e suggestivo, e a proposito d'elle poderia occorrer a idéa de especular ácerca das causas da periodicidade das febres paludosas.

«E' para maravilhar como a Natureza adaptou os ha-

de uma rã. A modificação da constituição interna da principal corrente pode fazer que fiquem as filarias adherentes ás paredes dos vasos durante a circulação accelerada, e caíam na corrente quando mais vagarosa.

« 2.º — Julga-se que á noite e no repouso é menos completa a oxygenação do sangue do que de dia, com quanto algumas experiencias feitas por Pettenkofer e Voit tendam á conclusão opposta, e pareçam indicar que da somma total de oxygenio recebido em 24 horas são 67 por cento de noite e apenas 33 de dia; sendo 58 por cento do acido carbonico eliminado em 24 horas, exhalados de dia, e 42 por cento de noite. D'estes resultados tirou Somner a conclusão de que o somno tem por causa o acabarem-se as reservas de oxygenio durante a vigilia; que o oxygenio é accumuldo durante o somno, e que, restabelecido o equilibrio pela accumulção, o individuo accorda. Esta hypothese é pouco sustentavel, mas val a pena mencional-a a este proposito por ella estar de accordo com a presumpção de ser o sangue mais ou menos carregado de oxygenio durante o somno, e isto pode concorrer a determinar a localisação das filarias.

« 3.º — A temperatura do sangue é provavelmente mais baixa (ou pode ser mais alta) *relativamente ás dos tecidos* do que no estado alternativo consequente á presença ou ausencia dos elementos especiaes derivados da alimentação.

« Não parece provavel que possa haver mudança consideravel de estado após a passagem periodica ou eventual do chylo para o sangue; pode, porém, succeder que, quando é lenta a circulação, e o corpo está

bitos das filarias aos do mosquito; os embryões estão no sangue justamente ás horas que o mosquito escolhe para nutrir-se.

«Folgareis de conhecer outro facto de adaptação. O longo chicote da cauda do embryão tem sua importancia com respeito á vida futura do animal. Assim m'o faz crer a seguinte experiencia. Deixae cahir fibras de algodão no liquido leitoso (filariasico) de um hydrocele. Descerão mui gradualmente ao fundo do vaso. Depois de ficarem ahi por alguns momentos, collocae-as no microscopio. Vereis que estão cercadas de milhares de embryões enfileirados e em cachos, cada um d'elles preso pela cauda, do mesmo modo por que qualquer pessoa poderia prender um chicote a uma corda fustigando-a rapidamente com a ponta.

«Quando um mosquito penetra um vaso sanguineo, os embryões que passam rabeando, como costumam, embaraçam-se na tromba, e são assim sorvidos. D'ahi a enorme quantidade de embryões contidos no estomago do mosquito, e a faculdade secretoria d'aquelle insecto.

«Será conveniente prevenir os observadores contra a conclusão de que em um dado caso não ha filarias, sendo as observações feitas de tarde, e de que a melhor occasião para as fazer é de noite; sendo possivel empreguem o mosquito para colher os embryões.

«Por eu ter ignorado este ponto particular da historia do parasita, a minha estatistica relativa á sua frequencia em Amoy e suas vizinhanças perde muito de qualquer valor que se lhe tenha attribuido. Se tiver tempo ba-

terei de novo o terreno, fazendo os exames depois do sol posto, em vez de os fazer, como d'antes, entre 5 horas da manhã e 6 da tarde.»

O Dr. Manson relata por extenso a observação do caso a que acima se refere. O doente foi conservado sob suas vistas depois da operação (ablação do escrôto) com o fim de examinar o sangue, o qual continha enxames de embryões, menos quando o exame era feito á tarde.

A tabella seguinte mostra o numero de embryões contidos em uma gotta de sangue em cada dia:

Maio 12.....	12 embryões	Junho 1.....	6 embryões
» 13.....	15 »	» 2.....	11 »
» 14.....	13 »	» 3.....	0 »
» 15.....	35 »	» 4.....	0 »
» 16.....	52 »	» 5.....	36 »
» 17.....	62 »	» 6.....	6 »
» 19.....	2 »	» 7.....	15 »
» 20.....	4 »	» 8.....	6 »
» 21.....	12 »	» 9.....	32 »
» 22.....	18 »	» 10.....	12 »
» 26.....	42 »	» 11.....	0 »
» 27.....	2 »	» 12.....	0 »
» 28.....	3 »	» 13.....	9 »
» 29.....	0 »	» 14.....	56 »
» 30.....	1 »		

Diz o Dr. Manson que quando o exame era feito de tarde os embryões eram muito poucos ou nenhuns. E para mostrar a pontualidade d'estes animalculos em regular o seu tempo, trouxe o paciente para sua propria casa, e examinou-lhe o sangue de quatro em quatro horas.

A tabella seguinte indica o resultado d'esses exames:

HORAS	Tarde	Manh.	Manh.	Manh.	Tarde	Tarde
	12	4	8	12	4	8
Segunda feira.....	—	—	—	—	—	43
Terça feira.....	—	6	2	1	0	24
Quarta-feira.....	57	23	1	0	0	105
Quinta feira.....	21	18	0	0	0	29
Sexta feira.....	—	15	0	0	0	29
Sabbado.....	89	2	1	0	1	53
Domingo.....	41	2	0	0	0	17
Segunda feira.....	34	5	0	0	0	14
Media.....	48 ² / ₅	10 ¹ / ₇	4 ¹ / ₇	1 ¹ / ₇	1 ¹ / ₇	39 ¹ / ₄

Accrescenta o autor que a quantidade de sangue examinado de cada vez foi approximativamente a mesma — uma pequena gotta, ou tanto quanto podia manter-se junto na ponta do dedo sem correr. Uma tarde poz-se elle á espreita da affluencia dos embryões. A's 4 horas da tarde não achou nenhum, ás 6 achou um, ás 7 dous, ás 7 1/2 dez, ás 8 vinte e nove, ás 9 trinta e sete.

São do final da sua carta as seguintes reflexões:

« Vou gradualmente ajuntando provas para mostrar, segundo espero, que a elephancia é uma molestia parasitaria. Consegui resultados extraordinarios com a punctura dos ganglios inguinaes hypertrophiados, por meio da seringa hypodermica; mas antes de fechado o circulo, por mim ou por outros, guardo reserva a este respeito. »

3.º CARTA DO DR. SOMERVILLE.—FUCHOW (CHINA),
9 DE JUNHO DE 1879.

D'este documento pouco ha que extractar, além do que já ficou indicado pelo Dr. Cobbold, ácerca das filarias do sangue humano.

Diz o autor que nunca as encontrou em Fuchow, nem tão pouco o Dr. Asford, que alli dispõem de um hospital indigena, e, portanto, de muitas oportunidades para procural-as. O fallecido Dr. David Manson, irmão do Dr. Patrick Manson, de Amoy, encontrou, todavia, um individuo chinéz, que tinha filarias no sangue. Este homem tinha *lymph-scrotum*, e os Drs. Somerville e David Manson puzeram-se um dia por mais de duas horas á procura dos embryões, e nem na lymphia do escrôto, nem no sangue d'aquelle doente encontraram uma unica filaria. Entretanto que Manson uma semana antes tinha-os encontrado em grande numero.

E a este proposito pergunta o Dr. Somerville: Dar-se-ha o caso de que a filaria adulta despeje os óvos nos vasos em certas e determinadas epocas, e que os embryões tenham periodo limitado de existencia no sangue? No cão diz elle que nunca buscou em vão os embryões em um animal em que os tivesse encontrado anteriormente.

A respeito do mosquito e da elephancia, e molestias alliadas, o autor diz o seguinte: «Parece-nos aqui, que se o mosquito pudesse propagar a molestia, todos teriamos infallivelmente pernas e escrôtos inchados, porque nunca (a não ser em raras occasiões de epidemia) fervermos a agua para beber, mas filtramol-a sómente.

«Os chinezes, por outrolado, de modo algum fazem uso da agua, a não ser fervida sob a forma de chá ou sôpa.

De facto, elles veem com grande horror os estrangeiros beberem agua fria. Entretanto estas molestias affectam unicamente a gente do paiz. »

Affirma o autor que em 16 annos de residencia não tinha visto um só europeu genuino soffrer de elephancia na China; e que Sir Joseph Fayrer só tinha encontrado dous; e conclue dizendo que « certamente o clima e a raça teem mais que ver com a causa d'estas molestias de que o mosquito ».

4.º CARTA DO DR. BANCROFT. -- BRISBANE (AUSTRALIA),
19 DE MAIO DE 1879.

Diz que ultimamente nada novo tem encontrado em materia de *re filaria*. Que tem examinado a agua do tanque de uma casa onde ha casos de filarias, e nada pode encontrar.

A respeito da *Filaria Bancrofti* diz o seguinte:

« Não pode haver duvida que o tumor elastico da virilha e axilla, que eu me aventurei a chamar *Helminthoma elastica*, seja prova evidente do estado parasitario em questão. O liquido que corre da punctura do tumor contem algum sangue, mas quando se espera por algumas horas que elle se separe, o volume do substrato tem toda a similhaça com o leite, e parece-se muito com a ourina chylosa. Parece, portanto, que esta textura elastica, descripta o anno passado na minha memoria nas *Transactions* da Sociedade Pathologica, como tendo o aspecto de grandes tumores hemorrhoideos proci-dentes, quando descoberta por meio da incisão — abre-se para alguma parte das vias ourinarias por meio de uma vesicula lymphatica, dando logar ao phenomeno da chyluria. »

Depois dos precedentes documentos o Dr. Cobbold refere-se ao trabalho sobre a *Filaria immitis*, do nos-

so collaborador o Sr. Dr. Silva Araujo, transcreve uma carta do Dr. Silva Lima, extracta, como ficou dito, alguns trechos da discussão entre os Srs. Drs. Paterson e Magalhães, e termina com a seguinte nota a respeito da questão entre estes nossos collegas:

« Sinto que homens tão illustrados (*such savans*) como os Srs. Drs. Paterson e Magalhães manifestassem opiniões tão divergentes como acima se mostrou.

« Sou muito obrigado ao Dr. Paterson, mas não posso abandonar as idéas que manifestei no jornal da Sociedade Linneana, e que vejo citadas e endossadas pelo Dr. Magalhães no seu escripto intitulado — «O envolvero membranoso da *Filaria Wuchereri*, publicado na *Gazeta Medica da Bahia* de maio de 1879, pag. 223 e seguintes. »

Taes são os factos que o anno de 1879 accrescenton aos materiaes que já possuíamos sobre a importantissima questão das filarias do sangue humano, questão que promette esclarecer os mysterios que ha longos annos encobrem ao medico e ao hygienista a etiologia e pathogenése de diversas molestias dos climas intertropicaes.

Trabalha-se activamente na India para a solução das duvidas que ainda pairam sobre o assumpto; e é de esperar que, por sua parte, os investigadores brasileiros não affrouxem nas suas diligencias para acompanharem com distincção, como o teem feito até agora, o accelerado movimento que estão dando no Oriente a estes estudos, que tanto nos interessam, os Mansons, os Lewis e os Bancrofts.

MEDICINA

COMMISSÃO PARA O ESTUDO DO BERI-BERI
NO PARA'**Parecer dos Drs. A. M. Santa Rosa e J. G. Malcher**

Depois que a atenção dos clinicos da Bahia despertada pela singularidade de phenomenos morbidos insolitos, que se não podiam filiar a nenhuma das molestias até então observadas, pôz fóra de duvida a existencia do beri-beri, factos identicos começaram a manifestar-se nesta provincia, acompanhados do mesmo cortejo de symptomas graves, e muitas vezes mortaes.

Ou seja mera coincidencia ou simples effeito da mesma causa desconhecida, é incontestavel que, si em outros tempos algum caso raro do beri-beri aqui apparecêra, a molestia passára inteiramente desapercibida, ou antes não fóra convenientemente diagnosticada.

Temos lembrança de que em fins de 1867 um negociante do rio Madeira (na provincia do Amazonas) veio atacado de uma molestia singular nas suas manifestações, que foi considerada pela maioria dos praticos, ouvidos em conferencia, como uma das fórmulas da myelite; entretanto não era outra cousa mais do que o beri-beri bem caracterisado.

Não vem a proposito indagar a origem etymologica do beri-beri, dicussão esteril em que se têm empenhado eruditos orientalistas; seria porém de grande interesse para a sciencia que se elucidasse a questão, si a molestia já se tinha desenvolvido no Brazil em épocas anteriores.

Dos escriptos dos medicos brasileiros, que nestes ultimos tempos se têm dado ao estudo dessa entidade morbida, se póde concluir que o seu apparecimento é de data recente; pensem embora alguns que muitos casos já se tinham dado, escapando á perspicacia dos praticos, hypothese gratuita que não tem em seu favor a observação esclarecida.

Seja como fór, o que ninguem pode contestar é que desde 1866 o beri-beri tem feito muitas victimas em quasi todas as provincias do Imperio, tomando em algumas o character de uma verdadeira endemo-epidemia. Na Bahia e no Maranhão especialmente tem sido crescido o numero dos atacados e não pequena a mortalidade.

No Pará, póde dizer-se que o beri-beri não se tem feito sentir em toda a força de sua malignidade. Não tem sido elevado o numero dos que têm succumbido; muitos se têm salvado ou pela efficacia dos meios therapeuticos, ou com a simples mudança de localidade.

São quatro as questões submittidas pelo governo ao nosso estudo e apreciação, e, para corresponder ás suas vistas humanitarias, trataremos de cada uma dellas em separado, expondo a nossa opinião com franqueza e como permittirem os nossos fracos cabedaes scientificos.

1.ª Questão: Natureza do beri-beri.

Não obstante os progressos da medicina, é ainda ponto controverso na sciencia a natureza do beri-beri. As opiniões agitam-se contradictorias, as duvidas suscitam-se a cada passo, e dentre as hypotheses creadas pelos medicos mais discretos nenhuma ainda conquistou o apoio unanime. O auxilio da anatomia pathologica, o estudo dos symptomas nada tem produzido, que possa

ter o cunho da verdade. Pela-nossa parte tambem nos aventuraremos neste mar de conjecturas, desprezando opiniões extravagantes, que não resistem á critica e parecem aberrações de espiritos illustrados.

Tem tido muita voga, conta ainda muitos sectarios, a opinião dos que attribuem o beri-beri á intoxicação palustre. Os inglezes especialmente, que mais o tem estudado na India, consideram-no como um dos efeitos da malaria.

Como esta opinião tenha ainda muita aceitação, entendemos que não deviamos deixal-a sem impugnação, principalmente abundando argumentos valiosos que a destroem completamente.

As molestias originadas da infecção palustre pertencem á classe das pyrexias; entretanto, o beri-beri é uma molestia apyretica.

Convém ainda notar que o paludismo póde dar-se em todos os climas quentes, tem seus limites geographicos—a zona inter-tropical.

Aos que comparam o beri-beri á anemia paludosa, respondemos que esta é o resultado de uma intoxicação lenta e prolongada e aquelle muitas vezes se manifesta dentro de poucos dias no seu maximo gráo de intensidade. Faltam no beri-beri ruidos cardiacos e vasculares da anemia, o descoramento das mucosas, a côr terrea; assim como no anemico não se encontram os symptomas que caracterizam o beri-beri, a anesthesia, a analgesia, a constricção thorax-abdominal, conhecida pelo nome de facha ou cinta beriberica.

Nem pela symptomatologia, nem pela marcha, nem pelo tratamento, póde dizer-se que ha identidade entre os dous estados pathologicos, aliás distinctos em sua evolução.

E' certo que mais de uma vez temos observado as febres intermitentes precederem a manifestação do beri-beri; mas taes factos não autorizam o parecer dos que procuram no paludismo a origem do mal. Ha uma explicação facil que satisfaz aos mais exigentes: individuos submettidos a duas causas diversas podem contrahir, uma após outra, duas enfermidades differentes, sem que se possa dizer que a segunda é consequencia da primeira.

Ao contrario, o que a observação mais de uma vez tem demonstrado é que, si o beriberico é atacado de febres intermitentes, as duas molestias seguem sua marcha independentes, conservando seu typo proprio e cedendo cada uma por sua vez ao tratamento therapeutico especial.

Nem se diga que os bons resultados colhidos do emprego do arsenico e da quina confirmam a origem palustre do beri-beri, fundando-se no muito conhecido aphorismo « naturam morborum curationes ostendunt », por quanto não é só nas enfermidades de fundo palustre que taes medicamentos têm applicação vantajosa; elles exercem acção poderosa e efficacissima sobre o organismo debilitado, qualquer que seja o mal que mine a existencia.

Negando a identidade entre o principio beri-berigenico e a intoxicação paludosa, não nos repugna admittir a existencia de um miasma *sui generis*, que, actuando sobre o sangue e os dous grandes centros nervosos, dê lugar a essas bizarras perturbações da innervação e aos derramamentos sorosos, desde o edema até a anazarca, que imprimem ao beri-beri uma feição morbida caracteristica.

Com effeito estudando um por um os symptommas vê-

se que todos podem ser explicados muito facilmente pela alteração das funcções da medulla espinhal, do grande sympathico e dos nervos vaso-motores.

Dispensamo-nos de entrar no desenvolvimento desta opinião, porque seriamos obrigados a dar a este trabalho proporções que elle não comporta.

O beri-beri é, pois, no nosso modo de entender, uma paralyisia por dyscrasia toxica, conforme a classificação do professor Jaccoud. Não é uma idéa nova que aventamos, adherimos ao parecer de medicos illustrados, que por suas investigações e estudos têm direito a merecido apreço.

2.^a Questão: Causas do beri-beri.

A etiologia do beri-beri é ainda um mysterio que a sciencia não pôde devassar a despeito das mais perseverantes investigações; não se fez ainda a luz, seria melhor dizer-se, reina na pathologia completa obscuridade.

De accôrdo com este modo de pensar, assegura entretanto o distincto medico francez Le-Roy de Mericourt que « é impossivel desconhecer o papel principal que a alimentação representa na producção desta molestia ».

Foi compulsando documentos accumulados nos archivos da marinha franceza que elle chegou a convencer-se da verdade da opinião que sustenta com inabalavel crença.

O estudo do desenvolvimento do beri-beri a bordo dos navios tem maxima importancia, porque a molestia, por assim dizer, nasce em condições identicas e fora das influencias climatericas especiaes.

As epidemias observadas a bordo da corveta de guerra *Euridyce*, em sua viagem de Pondichery a Aden, e a bordo do *Parmentier* que conduzia das Antilhas 400 asiaticos de volta para a patria, parecem até certo

ponto corroborar o asserto do Dr. Mericourt; mas o resultado das nossas observações está em completo antagonismo.

O que temos visto é que o beri-beri tem acommettido principalmente os individuos das classes mais abastadas; não é entre os menos favorecidos da fortuna que elle prefere asyalar-se.

Não contestamos todavia que em um organismo de pauperado por uma alimentação insufficiente ou de má qualidade a evolução do beri-beri encontre menos obstaculos pela falta de energia da reacção vital contra o elemento morbido.

Temos tambem attribuido ao arroz, de que os asiaticos fazem a base de sua alimentação, a causa do beri-beri.

Este cereal, muito rico em fecula, é tambem o mais pobre em materias azotadas, por isso insufficiente para a nutrição; mas não é isso razão para attribuir-lhe a origem de uma enfermidade tão grave.

Estamos longe de associar-nos no mesmo pensamento a Rochard, que diz: «Para produzir uma molestia tão especial faz-se mister uma causa igualmente especial»; estamos dispostos, como o Dr. Franquet, a ir procurar na alimentação particular dos indios, que consiste em arroz cosido n'agua.

Si procedesse a argumentação, já desde muitos annos deveria o beri-beri ter feito a sua apparição no Brazil, porque o arroz sempre entrou em larga quantidade na nossa alimentação. Demais, não faltam observações de individuos affectados do beri-beri que não se alimentavam de arroz; assim tambem se tem observado que o uso deste cereal não prejudica aos beribericos.

Passando ao estudo de outras causas, notamos que é manifesta a influencia da idade; não é nos periodos extremos da vida que o beri-beri costuma exercer sua influencia malefica, são os individuos de 20 a 40 annos os mais sujeitos aos seus ataques.

Quando ao sexo, a estatistica tem provado que os homens são menos poupados.

Não é, porem, verdade que as mulheres gozem de certa immuidade, como alguns pretendem, pois que nenhum pratico ignora que o estado puerperal as predispõe para a doença, que então é sempre muito grave.

Tem-se procurado tambem a causa do beri-beri no estado hygrometrico do ar e nas mudanças bruscas da temperatura; foi além um dos professsres da faculdade de medicina da Bahia, pensando enconral-a no estado electrico do vapor d'agua existente no ar.

Não ha duvida, como diz o Dr. Silva Lima, que o calor e a humidade influam até certo ponto sobre o desenvolvimento do mal; mas estas causas são insufficientes para explicar a sua natureza especifica: resta pois ainda descobrir o principio *sui generis*, que não se pôde deixar de admittir como o agente morbifico.

Ou sejam animalculos parasitas, como alguém acredita, ou productos de decomposições organicas vegetaes, deve existir uma causa especifica, embora até hoje desconhecida em sua essencia.

3.^a Questão: Qual o tratamento que mais tem aproveitado.

As difficuldades com que temos lutado na elucidação das duas primeiras questões ainda subsistem em relação ao tratamento.

Nem ha nisso motivo para estranheza; porquanto,

desde que não são bem conhecidas nem a natureza, nem a causa de uma enfermidade, o seu tratamento não assenta em base segura, a therapeutica resente-se da incerteza da etiologia e da pathogenia.

Comquanto o beri-beri se manifeste debaixo das tres fórmas mais geralmente conhecidas, a paralytica, a edematosa e a mixta, o tratamento que tem sido empregado com mais proveito não soffre notaveis modificações.

E' o arsenico combinado com a strychnina que tem dado melhores resultados, sendo associado ao uso dos tonicos, com especialidade os vinhos de quina.

Não conhecemos tratamento de que se possa esperar acção mais prompta e efficaz.

Alguns ensaios feitos com o nitrato de prata, applicado internamente em dóse crescente, tambem foram coroados de feliz exito; mas os casos não são em numero sufficiente para que aconselhemos esta medicação.

Na fórma paralytica a electricidade, as fricções estimulantes, os banhos frios ou do mar, são bons auxiliares do tratamento interno.

Cumpre acrescentar que é antes á hygiene do que á therapeutica que convem recorrer para debellar o beri-beri.

As nossas observações são accordes com as de todos os medicos brasileiros; a mudança de localidade é o meio heroico, de que se não deve prescindir senão quando as circumstancias o não permittam.

Foi por muito tempo idéa dominante, que para o effeito curativo do beri beri era preciso atravessar o oceano; aconselhava-se como indispensavel uma viagem de longo curso, suppunha-se que só a emigração para fóra dos tropicos podia modificar o organismo deteriorado pelo principio beri-berigenico.

Mais tarde reconheceu-se que bastava a mudança de uma província para outra, para fazer desaparecer como por encantamento todos os symptomas graves, compromettedores da existencia, e a saude voltar com seu primitivo vigor.

A experiencia por fim demonstrou que uma pequena viagem e mudança de localidade, como da capital da Bahia para a ilha de Itaparica, que demora á curta distancia, operava os mesmos milagres de verdadeiras resurreições.

Temos aqui observado factos identicos com viagens curtas pelos rios e mudança de localidade.

4.^a Questão: Quaes os meios preventivos do seu desenvolvimento.

Embaraçosa é a questão, si não de uma solução impossivel no estado actual da sciencia.

Chamar a attenção do governo para o saneamento das cidades, removendo todos os focos de infecção e assim melhorando suas condições hygienicas, é repetir o que nenhum governo ignora, porque é seu dever zelar pela salubridade publica.

Emquanto fôr desconhecida a origem do beri-beri, a hygiene fica impotente para remover a causa do mal e impedir as suas manifestações.

Pará, 15 de Abril de 1880.

DR. AMERICO MARQUES SANTA ROSA.

DR. JOSÉ DA GAMA MALCHER.

BOTANICA —

OS DOIS VELLOSO*
—

BOTANICOS BRAZILEIROS

Quem no mundo do saber humano não conhece o nome de Velloso? Quem não sabe que houve um celebre Brasileiro deste appellido que honrou a sciencia com grandes trabalhos botanicos, e a quem a mesma sciencia por gratidão recompensou dando o nome de *Vellosia* a uma das familias, de monocotyledones, das mais caracteristicas e variadas dos sertões do Brasil? E' nessa familia, que, segundo hoje temos averiguado, se filiam essas caprichosas plantas de lindas flores que, em virtude da fórma rara dos seus pés, em parte semelhantes aos do pândano, os nossos sertanejos denominam *Canellas d'ema*.

Todas as honrarias scientificas tributadas a este nome prestigioso, que revertem indubitavelmente ao Brazil, se creem alcançadas unicamente pelos serviços de um de seus prestimosos filhos, o Padre-mestre José Mariano da Conceição Velloso, autor da *Flora Fluminensis*, nascido na Villa de S. José do Rio das Mortes, na provincia de Minas Geraes, pelos annos de 1742.

Mas a verdade é que, antes deste ecclesiastico, já a sciencia botanica nos sertões do Brazil era cultivada por outro tambem ecclesiastico do mesmo appellido Velloso, igualmente brasileiro e filho de Minas, doutor

* O artigo que se segue foi um dos ultimos que sahio da penna do sempre lembrado, erudito historiador e profundissimo litterato, Visconde do Porto-Seguro, em Abril de 1878.

em philosophia, discipulo de Vandelli e com estudos regulares da mesma sciencia botanica, que o Padremestre José Mariano apenas adquiriu como curioso nos claustros do Rio de Janeiro, ou por ventura com algum trato com aquelle seu homonymo. Referimo-nos ao Dr. Joaquim Velloso de Miranda, que se deve considerar como o verdadeiro precursor dos outros botanicos brazileiros, o dito padre José Mariano, Camara, Fr. Leandro do Sacramento, Freire Allemão, e o proprio Dr. Balthazar Lisbôa; autor dos *Annaes do Rio de Janeiro* e de uma importante obra florestal, que temos presente — a *Physica Vegetal da Comarca de Ilheos*, volumoso manuscripto authographo, encadernado em marroquim vermelho, e exornado de 40 grandes estampas coloridas, de arvores dos bosques do Brazil, que n'outro tempo mostramos ao Dr. Freire Allemão, o qual, desde logo, por uma das estampas delle (a 35^a) classificou o vinhatico da *Bahia* como *Echinosperrum Balthazarii*, em honra do mesmo autor, a quem já mais de meio seculo antes o padre José Mariano havia votado (escrevendo por engano Bartholomeu em vez de Balthazar) o seu genero *Silvia* (hoje *Escobedia* da familia das scrophularineas), nome que acaso deixaria de ser adoptado em virtude dos caprichos do mesmo padre José Mariano em querer, demasiado abusivamente, contemplar amigos seus de menos nomeada, taes como Souza, Costa e Paiva. A respeito do mesmo Dr. Velloso de Miranda ainda ao publicarmos o 2^o volume da 2^a edição da *Historia Geral* abrigavamos muitas duvidas, parte das quaes se acham hoje felizmente dissipadas.

Nascêra o Dr. Joaquim Velloso de Miranda no arrayal do Infeccionado, bispado de Marianna ainda na

primeira metade do seculo passado; pois que em 1772, quando occorreu a reforma da Universidade de Coimbra, já tinha ordens e até frequencia de tres annos do curso de direito canonico, e por consequencia indubitavelmente uns vinte e tantos annos. Por occasião da reforma, foi admittido a seguir o primeiro anno juridico; porem logo, em 10 de Outubro desse mesmo anno (1772), se matriculou como obrigado no 1º anno mathematico, do qual fez exame e saiu *nemine discrepante* em 14 de Julho de 1773. Em 24 de Maio de 1774 matriculou-se como ordinario no 2º anno da faculdade philosophica, fez exame em 21 de Junho; seguindo-se a matricula no 3º anno em 24 de Outubro desse anno, e exame em 29 de Maio de 1775. Matriculou-se, finalmente, no 4º anno em 6 de Outubro do mesmo 1775; e tomou o grão de bacharel em 18 de Junho de 1776. Em 23 de Junho de 1778 fez acto de repetição de Philosophia; tomou o grão de licenciado em 21 de Julho; e recebeu a borla de doutor em 26 do mesmo mez, publicando nesse anno em Coimbra o folheto de 19 pags. de 4º sob o titulo: «*Theses ex universa Philosophia.*» Só em 19 de Junho de 1779 se lhe passaram as cartas.

Infelizmente nos archivos da Universidade de Coimbra, donde obtivemos todas estas notas, não se encontra a sua certidão de idade, senão só a declaração de que, quando em 1772 se matriculou, se obrigára a apresentar a dita certidão dentro de um anno, o que ficou em traspasso. Em 22 de Maio de 1780 foi eleito socio correspondente da Academia real das sciencias.

Pouco depois, ao que parece, partiu para Minas e dahi se poz em contacto com Vandelli, effectuando muitas remessas de plantas seccas de especies novas antes que o padre José Mariano por sua parte tivesse

começado a colleccionar. Dessas remessas se aproveitou Vandelli, que em um opusculo de 96 pags. 4º, impresso em Coimbra em 1788—*Flora Lusitaniæ et Brasiliensis specimen*, não duvidou prestar homenagem aos serviços que devia ao dito Velloso de Miranda, então em Minas, propondo em attenção a elles o dar o nome de *Vellosia* a uma das plantas; o que tanto excitou as iras e invejas do, aliás venerando velho botânico portuguez jesuita João Loureiro, igualmente bastante célebre no mundo, pela sua flora da Conchin-china.

Em um parecer apresentado á Academia real das sciencias de Lisboa fulminou o mesmo Loureiro contra a audacia de Vandelli e de Velloso de haverem inventado nomes novos para os generos novos que faziam conhecer ao mundo scientifico. Taes eram entre outros por Velloso, citado ahí por Vandelli, os da vellosiacea *Barbacenia* (pag. 21), da violacea *Lavradia* (pag. 15), da acanthacea *Mendocia* (pag. 43); e pelo proprio Vandelli, sem citar o dito Velloso, os de *Lafoensia* (pag. 33), *Vismia* (pag. 51) e *Vellosia* (pag. 23). Pois o padre Loureiro, nem que para fazer mais odiosa a censura, não duvidou assegurar que este ultimo nome fôra dado pelo dito Velloso, que não se esquecêra de si proprio. E tal era a sua autoridade no seio da Academia real que esta só permittiu a reimpressão do dito trabalho de Vandelli, no 1º volume de suas memorias em folio, obrigando-se o autor a eliminar delle, como eliminou, todos esses generos para os quaes eram propostos aquelles nomes novos, já então aceitos pelos mais conspicuos botanicos da Europa e hoje de todo admittidos pela sciencia. E esta reimpressão se fez, pois, sem as cinco laminas contendo 26 figuras

das mencionadas plantas novas e de outras mais. Entre ellas as das *Canellas d'ema* ou novas *Vellosia* e a do *Pacary* ou nova *Lafoensia* estavam desenhadas com bastante perfeição.

Enviou além disso Velloso de Miranda á dita Academia tres opusculos em latim que ainda ha annos se encontravam na mesma Academia, a saber: 1º, *Brasiliensium Plantarum fasciculus J. V. de M. demonstrat*; 2º, *Descriptio animalium quorundam Brasiliensium*; 3º, *Plantarum quarundam Brasiliensium descriptio botanica* (P. 1ª et 2ª).

Não cremos impossivel que para esta residencia em Minas tivesse sido arbitrada, por influencia de Vandelli, ao nosso doutor, alguma gratificação, paga pelos cofres da Capitania, como julgamos que estavam sendo pagas a José Vieira Couto e José de Sá e Bittencourt; quando, pela mesma epoca, estava tambem subvencionado Alexandre Rodrigues Ferreira, do lado do Amazonas. Não será hoje muito difficil averigual-o na cidade do Ouro Preto, e quem sabe que dos assentos na Secretaria do Governo, constará tambem quando cessaria a cobrança e por conseguinte as datas da sua vida posterior e morte, o que para nós é, por enquanto, um mysterio, como tem sido até hoje, para todos, até a propria existencia deste apostolo da sciencia; que, por honra do Brazil, vamos associar ao seu comprovinciano, cujo busto se orna com parte dos louros, que entre ambos devem ser divididos. Restabelecendo a verdade, longe de prejudicar ao Brazil, que passa a contar entre os seus filhos mais um luminar na sciencia, não fazemos mais que um acto de justiça, restituindo a cada qual o que lhe pertence. Pelo menos, teve o padre José Mariano noticia do dito

opusculo de Vandelli; e dos nomes das 392 especies contidos na *Flora Fluminensis* que Martins lhe attribue, já alguns, começando pelo de *Orobanche*, haviam sido dados pelo outro Velloso.

Temos de Velloso de Miranda noticias até 1789, anno em que rebentavam as idéas do que dizem impropriamente *Conspiração mineira*. Seria elle então tambem dos perseguidos por Barbacena (a cuja honra aliás acabava de votar os seus dois generos *Barbacenia* e *Mendocia*) como o foi o seu collega Dr. José de Sá Bittencourt, que apenas chegou a escapar-se conseguindo fugir pelos sertões para a Bahia?

Morreria Velloso de Miranda de fome por esses sertões; ou conseguiria deixar a patria e refugiar-se nos Estados-Unidos, como depois praticaram o sabio Corrêa da Serra e o illustre escriptor Hypolito? De novo appellamos para algum patriota intelligente que, consultando os archivos do Ouro Preto, possa elucidar todos estes enigmas. Em Portugal só deve ter constado a sua morte em 1811; pois ainda neste anno appareceu o seu nome como socio da Academia no almanak, omitindo-se apenas nas listas desde 1812.

Em todo caso, é sem duvida que, já antes de 1788 e 1789, epoca em que o padre José Mariano começa a apparecer com seus trabalhos, lhe levára a dianteira o dito seu comprovinciano; e não seria impossivel suppôr que d'elle herdasse, como dissemos, o gosto pela sciencia e muitas noções d'ella.

Fr. José Mariano passou para Lisboa, segundo se crê, em 1790. Foi empregado na calchographia do Arco do Cego e na direcção da imprensa regia, e promoveu a publicação de muitas obras sobre botanica e industria agricola, arrançadas ou traduzidas por elle ou por outros

socios, pela maior parte brazileiros, que para isso eram estipendiados, dos quaes citamos Antonio Carlos, Martim Francisco e Fernandes Pinheiro. Os seus trabalhos valeram a recommendação official de D. Rodrigo, para que a sua Ordem o elevasse á dignidade de *padre*. Preparava-se a fazer publica a *Flora Fluminensis*, e para ella se havia concluido a gravura de nada menos que 554 chapas, quando partiu para o Rio de Janeiro com a familia real; deixando essas chapas na imprensa regia. Seguiu-se a occupação franceza; e no dia 29 de Agosto de 1808, *depois do meio dia*, se apresentou na mesma imprensa Mr. Geoffroy St. Hilaire, com uma ordem do Duque de Abrantes (Sault), datada do 1º do mez, para que lhe fossem todas entregues, como foi feito; levando consigo as 554 chapas na mesma sege em que viera. Consta este facto dos registros da propria imprensa regia do *Livro das Consultas da Junta administrativa* fol. 31.

Que fim tiveram essas chapas? Claro está que foram levadas para França. Fr. Mariano falleceu em 1811. Pouco depois se apresentou no Brazil, como viajante occupando-se quasi exclusivamente de botanica, Augusto de St. Hilaire, parente do dito Geoffroy; e começaram a ser publicadas em França, acompanhadas das competentes descripções em francez ou em latim, um grande numero de estampas de plantas do Brazil. Não terão sido algumas dellas aproveitadas das ditas 554? A conjectura é plausivel pelo menos em quanto não appareçam essas 554 chapas. Convidamos aos botanicos francezes a nos ministrarem esclarecimentos aeste respeito em defeza da propria memoria de St. Hilaire.

CORRESPONDENCIA SCIENTIFICA

A HYPOEMIA, O BERI-BERI E A MOLESTIA DOS
OPERARIOS DO TUNNEL DE S. GOTHARDO

(2ª Carta ao jornal o *Monitor*, com algumas notas e correções — V. *Gaz. Med.*
de julho de 1880 p. 23.)

Pelo Dr. J. F. da SILVA LIMA.

Illms. Srs. Redactores—O pouco tempo que me deixam livres as minhas occupações quotidianas não me permittiu attender mais cedo, como devia e desejava, á consideração que prestou o seu digno correspondente particular de Berlim ao meu pequeno artigo, que Vs. Ss. tiveram a bondade de inserir no *Monitor* de 30 de maio.

Muito longe estava eu de pensar que as rectificações e reparos que n'este escripto julguei necessario fazer a um trecho da sua correspondencia publicada n'este jornal, em 22 d'aquelle mez, chegasse a merecer de S. S. a honra de lhes consagrar uma carta especial, erudita, e, além disso, em termos tão cortezes que chegam quasi até á amabilidade. Não mereciam tanto, de certo; e, se por uma parte não tenho motivo para desvanecimento e sim para agradecer, como agradeço, a extrema benevolencia do illustado correspondente do *Monitor*, tenho-o, sem duvida, pelo facto de haver o meu humilde escripto provocado uma longa e doutissima dissertação sobre assumpto que, de ordinario, não é familiar aos escriptores polygraphos que não são medicos ou naturalistas, e que vivem, como S. S., atarefados com trabalhos de outra ordem.

Limitaria eu a estas poucas linhas o que a forma, o character grave e a delicadeza de expressões da carta especial do correspondente exigem de mim como um dever de cortezia, se elle não me convidasse a exhibir pro-

artigo a que S. S. se refere, ou em qualquer outro meu que por ventura conheça?

Rectificar factos ou interpretações, ir de encontro a opiniões infundadas, ou a meras affirmativas de noticiario que, propagadas pelos milhares de ecos da imprensa podem revestir certas apparencias de verdade, não é combater individualidades; e quando eu por desgraça minha o fizesse, não escolheria para principiar a de um cavalheiro, que como tal se revela em seus escriptos, e para quem o anonymo, que diz ser obrigado a guardar, parece que é antes o veu de recatada modestia, do que a viseira da immunidade pessoal.

* * *

O douto correspondente chegou a pensar, ao que parece, que eu lancei á sua conta a responsabilidade da noticia que elle extrahiu de uma gazeta estrangeira, cujo titulo citou; não foi, nem podia ser por isso que o responsabilizei, e sim pelas reflexões e commentarios que acompanham aquella noticia, e que, por certo, não são da referida gazeta. Eu não tomei contas a ninguem individualmente da confusão que a S. S. mesmo parece ter havido da parte do noticiario da folha italiana; a responsabilidade d'essa confusão vae a quem toca; o meu fim foi unicamente mostrar que tal confusão existiu, e restabelecer a verdade dos factos. Nisto estamos de accordo.

Mas em troca d'essa confusão que reconheceu existir naquella noticia, encontrou S. S. outra que não existe no meu escripto, onde suppõe ter eu dito: *que não se deve dar credito á asseveração que essa molestia (o ankylostoma) exista tambem no Brazil*, e affirmado, como affirmei depois — *que ella existe entre nós e é conhecida pelos nomes vulgares de — opilação ou cançasso.*

Mas o facto é, que se aqui ha confusão não é minha. As

sete proposições que eu enumerei logo depois de citar integralmente o topico da carta do correspondente de Berlim, não eram só as que eu me propunha a rectificar, e sim todas as que resumiam o que se podia apurar do contexto do mesmo topico.

A de n. 2, que S. S. cita destacadamente, refere-se á de n. 1 e em opposição a ella. Uma diz assim:

—*Que uma molestia nova atacou 70% dos operarios do tunnel de S. Gothard.*

E a outra:

—*Que esta molestia, que o professor Bozzolo dizem ter denominado—ankylostoma —(isto é, a molestia nova) tambem existe no Brazil e no Egypto.*

Esta segunda proposição está ahi para mostrar a contradicção com a primeira. Foi por isso que eu as precedi da declaração de que—*a dar-se credito ás precedentes asseverações* (as do topico citado) *ficaria estabelecido*:—que a molestia dos operarios do tunnel de S. Gothardo é *nova*, recebeu um nome tambem novo, e entretanto, existe no Brazil e no Egypto. Por isso disse eu em rectificação, que ella não era nova nem mesmo na Italia, e que já tinha diversos nomes que a designavam, e tornavam conhecida em todo o mundo medico, especialmente nos paizes sub e intertropicaes.

Concorda S. S. em que houve confusão, como eu disse, em a folha italiana tomar pelo nome da molestia o do parasita que a produz — o ankylostomo duodenal; mas, apezar disso, parece-lhe que — «pode um escriptor qualquer usar-o desassombradamente sem attender ao *facto* de haver elle sido empregado indebitamente» — comtanto que tenha o cuidado de declarar que usou de um nome em vez de outro, por uma figura de rhetorica a que chamamos *metonymia!* Mas, se assim succedeu com o noticiario da *Gazzetta Piemontese*, e S. S. o declara por elle, acredito, e não farei questão por isso,

nempor tal o accusei; disse eu apenas que elle se teria enganado como leigo que é, provavelmente, em medicina.

A um medico, porem, não seria licito usar de metonymias em nomenclatura nosologica, sob pena de levar a confusão onde se requer clareza e propriedade nos termos.

Não conheço ainda o trabalho recente do Dr. Bozzolo a que se refere aquella gazeta; porem um ainda mais recente do Sr. Perroncito, sobre o mesmo assumpto, (*Gaz. Med. de Paris*, de 30 de julho—1880) não menciona a denominação de *ankylostoma*, que se diz ter dado aquelle seu compatriota á molestia dos operarios de S. Gothardo; falla d'ella como uma anemia perniciosa parasitaria, devida á presença nos intestinos de não menos de tres helminthes: o *ankylostomo* ou *Dochmius duodenalis* de Dobini, a *Anguillula stercoralis* e *A. intestinalis* de Bavay, todos os quaes elle affirmater encontrado associados áquella molestia.

Mas, se realmente o professor Bozzolo usou de um neologismo em nomenclatura, não terá sido, talvez, adoptando o proprio nome do verme que elle julga ser a causa da molestia, e sim um derivado, como por exemplo, *ankylostomia*, ou antes *ankylostomiase*, como de helminthe se fez *helminthiase*, de trichina *trichinose*, etc, etc.; d'ahi a facilidade do engano, supprimindo no primeiro d'aquelles nomes uma letra, e no segundo tres.

O illustrado correspondente, que tão extensas considerações faz sobre este ponto, aliás de somenos importancia, ao meu ver, é quem melhor pode resolver esta duvida, se nisto acha interesse, pela facilidade com que, tão perto da Italia, alcançará o escripto d'aquelle professor.

Até aqui occupei-me com a parte do topico da carta do correspondente, da qual S. S. com razão declinou a responsabilidade, sem que eu, de modo algum, o tivesse considerado solidario n'ella com o noticiario da gazeta italiana; mas de alguma sorte a partilha agora, quando, não satisfeito com desculpá-lo, como eu de boa mente faço, procura justificá-lo com o mais concludente de todos os argumentos — uma figura de rhetorica!

Passemos, porem, ás suas proprias reflexões, que S. S. sustenta, e cuja responsabilidade accéita.

1.º Disse: — *que o ankylostoma poderá ser o nosso terrivel beri-beri.*

A esta hypothese gratuita eu respondi pela negativa na minha terceira rectificação; S. S., porem, passou-a por alto, pelo que me é licito crer que a accéitou.

2.º Disse: — *que um medico da Bahia dera esta doença (o beri-beri) como nova (no Brazil) e originaria da Africa.*

Na minha rectificação correspondente disse eu não me constar que algum medico na Bahia tivesse escripto que o beri-beri fosse molestia nova entre nós, e muito menos originaria da Africa; que aqui se disse em 1866 que ella era até então desconhecida, ou passára desattendida dos praticos, *como affecção especial.*

A isto responde, com grande admiração minha, o douto escriptor, o seguinte: « Das proprias palavras de S. S. deduz-se que o beri-beri era considerado molestia nova, pois S. S. é quem declara que o que se disse ahi em 1866 foi, que o beri-beri era até então desconhecido entre nós. »

Como succedeu a S. S., tambem se me confrange o coração ao vel-o tirar d'alli esta conclusão: — *Logo era nova!*

De modo que, o que é desconhecido é novo! As ossadas fósseis de especies animaes extinctas, por exemplo, tantas vezes encontradas, e por tanto tempo desconhecidas, são novas! As antiguidades que hoje se admiram em Herculanium e Pompeia, e que por tantos seculos jazeram desconhecidas sob a lava do Vesuvio, são novas?

E, para me servir de um exemplo de casa, a febre amarella, que aqui devastou a população, sob o nome de *bicha*, em 1686, por ter sido nesse tempo desconhecida em sua natureza e procedencia, era nova no paiz em 1849!

Mas aonde nos levaria a confusão de dois termos que nem sequer são synonymos, visto que uma cousa pode ser desconhecida sem ser nova, e vice versa?

Como quer que seja, S. S. tirou aquella extraordinaria conclusão porque omittiu, involuntariamente, sem duvida, as palavras complementares da minha proposição e restrictivas de meu pensamento; o que eu disse foi:— era até então desconhecida, *ou passára despercebida dos praticos, como affecção especial*. Ora, isto não quer dizer que a molestia era nova, e estou convencido que o não era, mas, simplesmente, que não foi conhecida como affecção especial. Acrescentarei, que o termo *beri-beri*, que já era dado na India a uma molestia identica, foi-lhe applicado aqui quando já reconhecida como affecção especial, substantiva, uma individualidade morbida bem definida, emfim.

A respeito da origem africana do beri-beri, attribuida infundadamente ao tal medico da Bahia, S. S. nada quiz dizer em sua replica, e por isso devo crer que tambem neste ponto concorda com a minha rectificação.

3.º Disse:— *que um livro escripto ha duzentos annos dá o beri-beri como existente no Brazil nessa epoca, e com o mesmo nome.*

Esta proposição rectifiquei-a eu dizendo, que esse livro era o de Piso, intitulado — *De Indiæ utriusque re medica et naturali* (1658), que traz para o fim um capitulo sobre o beri-beri na India, escripto por Boncio em 1645; e que o mesmo Piso não fallára em beri-beri, senão uma vez, e só para o distinguir do estupor. Agora, porem, e por amor á verdade, corrigirei esta minha ultima affirmativa; Piso falla de beri-beri em outra passagem, que adiante citarei em seu devido logar.

Mas S. S. depois d'aquella conclusão que quiz tirar das minhas palavras — « Logo era nova » (a molestia) exclama compungido — « Mas, confrange-se meucoração vendo-me forçado a replicar; « isso é inexacto, desde que Pison falla em beri-beri, segundo affirmo e confirmo ainda. »

De sorte que basta que Piso tenha fallado em beri-beri para se concluir d'ahi que a molestia não seja nova no Brazil, e já aqui existisse quando elle escreveu!

E acrescenta, que essa obra não foi citada aqui até 30 de maio de 1880; e que compulsou muitas publicações sobre beri-beri, estrangeiras e nacionaes, e que nenhuma se refere á obra de Piso.

Nada mais natural.

Como poderia ser citado sobre beri-beri um autor que não trata de semelhante cousa? Mas consulte S. S. de novo essas mesmas publicações, e outras que possa encontrar, e afaço que achará em quasi todas o nome de Boncio como autor do mesmo trabalho que Piso encorporou ao seu livro (edição de 1658), em seguida aos escriptos sobre historia natural, astronomia, meteorologia, etc., do seu companheiro e collaborador Marcgrave.

Vae S. S. por diante, e acrescenta: — « *que não é tambem exacto que na obra de Pison nada se encontra com referencia ao beri-beri no Brazil, mas unica-*

mente ás *Indias Orientaes*,» como eu dissera. Provas d'esta asseveração, nenhuma absolutamente, pois não teve o erudito escriptor o necessario tempo de ir á Bibliotheca Publica (de Berlim) folhear a dita obra, para citar, *ipsis verbis*, o trecho sobre o beri-beri a que se referiu o seu amigo informante.

Mas S. S., apesar dè não ter de memoria o trecho inteiro, recorda-se muito bem do principio d'elle, e pede-me que lh'o transcreva aqui todo nas proprias palavras de Piso.

Vou já satisfazer o seu desejo.

O que S. S. sabe é só isto:

«E' justamente no livro segundo, que tem por epigraphe — *De endemiis et familiaribus morbis in BRASILIA*—, e a phrase principia pelas seguintes palavras:— *Inter chronicos Brasiliae morbos familiares est ille.....*»

E n'este *ille* obscureceu-se de subito a memoria do meu honrado contraditor; e em vez da continuação do trecho fica ahí uma longa reticencia, ou antes, um vacuo; e qualquer pio leitor que não attenda ao mecanismo d'este argumento, dirá muito naturalmente, comsigo mesmo: — é clarissimo; é alli que está o beri-beri; é o *ille* que o denuncia, porque um escriptor grave não o apontaria assim com o dedo se não soubesse que é lá que elle está.

Pois não está; nunca esteve, como affecção chronica familiar no Brazil.

O capitulo 4º do livro 2º acima indicado pelo correspondente, intitula-se — *De Stupore*, na edição de 1649, e — *De Stupore Membrorum*, na de 1658.

Em ambas as edições o famoso trecho que a repentina falta de memoria do douto correspondente deixou interrompido no ponto essencial, é, *ipsis verbis*, como elle m'o pede, o seguinte:

«— *Inter chronicos Brasiliae morbos familiares* (na

2ª edição está: *in America) est ille qui nervos tentat, altumque membrorum torporem inducit. EUM Lusitani apellant Air quod ab aeris inclementia, et ex incompleta obstructione, intemperieque frigida nervosarum partium oriatur.* »

Aqui está, pois, a transcrição pedida; se o meu illustrado contraditor não estiver satisfeito, quando tiver tempo verifique-a a paginas 20 da 1ª edição, ou 32 da 2ª. Verá que ahi se trata do *stupor*, que os portuguezes chamavam *ar*, e o vulgo hoje appellida — *ar do vento*, e não do *beri-beri*.

Ainda mais: depois de explicar a molestia (*estupor* ou *ar*), segundo as idéas de pathologia dominantes n'aquelles tempos, pela influencia da pituita, e de enumerar os seus principaes symptomas, o medico hollandez passa ao diagnostico differencial entre ella e tres outras affecções: *paralysis*, *spasmus* (tetano) e *beri-beri*.

Ora, aqui está, finalmente, o suspirado *beri-beri* que S. S. tanto desejava encontrar na obra de Piso, e concluir d'ahi que este o descreveu como existente no Brazil ha mais de duzentos annos.

Vamos ver o que elle disse.

Depois de distinguir o *stupor* da *paralysis* e do *spasmus*, escreveu estas palavras, *unicas* em todo o 2º livro, exclusivamente dedicado ás *molestias endemicas familiares no Brazil*: «*A beri-bery distinguitur (stupor) quod hoc malo divexatis, membra minus contremiscant.*»

Dirá S. S. que Piso conhecia o *beri-beri*, pois que falla n'elle em uma parte da sua obra consagrada ás *molestias familiares no Brazil*: e já se tinha S. S. aventurado a — afirmar e confirmar — que o *beri-beri* não era molestia nova entre nós, desde que Piso a menciona!

Que Piso tinha conhecimento do *beri-beri* é certo; o seu amigo e patricio Boncio, em um livro pu-

blicado em 1645 (tres annos antes do seu), *De medicina Indorum*, descreveu aquella molestia no capitulo 3º, que tem por titulo—*De paralyseos quadam specie quam indigenæ beri-beri vocant*. Ora Boncio não praticou no Brazil, e sim nas Indias Orientaes, e é justamente esse capitulo o que Piso inseriu na segunda edição do seu livro, com outrós trabalhos de historia natural que aquelle seu amigo lhe deixou. (V. Piso, 1658, *Præfatio ad lectorem*.)

Esse capitulo é o 1º do livro 2º, que tem por titulo: *Jacobi Bontii medici Methodus medendi, quæ in Indiis Orientalibus oportet uti*, etc.

Mais ainda: Compulsando de novo a 1ª edição da obra de Piso, tive a fortuna de encontrar outra passagem (a pag. 12 in fine) onde se confirma plenamente o que acima ficou dito. E' no livro 1º—*qui agit de Bræsilicæ aere, aquis et locis*. Fallando das molestias de diversos paizes tropicaes (India, Africa, Chile, etc.) diz:

« *Atque hi omnes enarrati huic regioni tamquam patrii sunt.* » E poucas linhas abaixo faz a respeito do beri-beri a seguinte declaração: « *In Java Indiæ Orientalis insula (J. Bontius—De medicina Indorum) Bery-bery, paralyseos species, familiaris est.* »¹

¹ Depois de publicada esta carta verifiquei que Piso menciona ainda outra vez o beri-beri na sua *Mantissa aromatica*, pags 178 a 179. Fallando do cravo da India, e da agua distillada, ou espirito que d'elle preparavam as mulheres Indias e Lusitanas, e declarando que taes preparados teem grande virtude contra as affecções do cerebro, accrescenta: « *Imprimis autem paralyseos isti speciei Beri-berii dictæ a Bontio nostro accurrate descripta.* »

Ainda n'esta passagem não ha por onde se conjecture que Piso observou o beri-beri no Brazil. Descrevendo o cravo relembra a sua efficacia no tratamento d'esta molestia, reproduzindo o conselho de Boncio, que vem a pag. 16 do seu *Methodus medendi*.

Convem notar que na sua *Mantissa* Piso trata—dos quatro aromas cardeaes, e de algumas plantas da India usadas em medicina.

As plantas do Brazil são descriptas em separado, e occupam todo o 4º livro.

Ora, será crível que Piso, que tinha conhecimento do beri-beri da India, como fica demonstrado a toda a evidencia, e que descreve as molestias familiares no Brazil, e as de outros paizes, que são *huic regioni tamquam patrii*, desde o estupor e o tetano até ás lombrigas e á espinhela cahida, não descrevesse aquella doença, se com effeito a tivesse encontrado, e se limitasse a mencioná-la só para a distinguir de outra, e para dizer que ella é familiar na ilha de Java?

Não! dirá agora commigo o proprio correspondente de Berlim, a não ser que ainda lhe seja possível entreter no seu espirito a minima sombra de duvida, ou o mero desejo de—affirmar e confirmar que: *um livro escripto ha duzentos annos dá o beri-beri como existente no Brazil n'essa epoca, e com o mesmo nome* ².

Agora julgo poder, sem offensa, restituir ao digno correspondente do *Monitor*, para que d'ella faça melhor uso ou applicação, a memoravel phrase que S. S. entendeu

A *Mantissa aromatica* não vem na 1ª edição, e sim na 2ª (1638), no fim.

² Ao obsequio de um illustrado collega devo a leitura de um relatório official, escripto ha 94 annas, sobre as molestias do valle do Amazonas, pelo cirurgião portuguez Antonio José d'Araujo Braga, e dirigido ao Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, em commissão scientifica na capitania do Pará, por ordem do governo de D. Maria I.

Este curioso documento vem n'uma brochura do Sr. Dr. Mello Moraes (A. J.)—*A febre amarella e seu tratamento*, Rio de Janeiro, 1876. Ahi está mencionado apenas, e não descripto, o beri-beri como existente n'aquella epoca (1786) no valle do Amazonas.

O autor falla da molestia nas seguintes laconicas palavras: « A paralyxia a que chamam beribere, ou berberium, acontece n'este paiz, pela mesma causa, e do mesmo modo que em Java. »

O mais que ahi se refere ao beri-beri n'esta passagem, e em outra subsequente diz respeito ás causas e tratamento da molestia resumindo o que n'este particular se encontra em Boncio.

Tendo eu tido noticia do citado relatório depois da publicação d'esta minha carta, e não cabendo nos estreitos limites de uma nota analysal-o detidamente, reservo-me para o commentar em artigo separado.

vas de algumas asseverações consignadas no meu pequeno artigo de 30 de maio, e se eu não tivesse ainda outro dever a cumprir perante a minha consciencia e a profissão a que pertença—o de sustentar as rectificações e reparos que ali fiz, e que S. S. procura invalidar na sua referida carta com argumentos que, com a devida venia, me não parecem concludentes, e com apreciações que julgo inaceitaveis, por menos exactas.

Procurarei ser breve, tanto quanto fôr compativel com a elucidação das questões que deram motivo ao meu supradito artigo, e á replica do meu illustrado contraditor. Não me consente a escassez do tempo acompanhá-lo em todas as suas digressões, commentarios, e citações eruditas, aliás apreciaveis e bem cabidas como adornos litterarios, mas que, no meu fraco juizo, não espargem luz alguma sobre os pontos principaes da nossa divergencia; digo pontos principaes, porque S. S. não se afasta do meu pensar em todos elles; mas, ainda assim, quando concorda, fal-o com certa hesitação, como quem não está inteiramente convencido.

Passando a occupar-me com a notavel carta do correspondente do *Monitor*, permitta S. S. que, antes de entrar na materia principal d'ella, faça aqui uma declaração, que seria escusada se o douto escriptor não tivesse dito no penultimo periodo,—que me desgostou, e que o meu artigo foi dirigido contra a sua individualidade. Não foi o desgosto que me inspirou, nem o revelam aquellas reflexões, e sim o amor da verdade historica e da justiça, e a dignidade profissional, todas mais ou menos compromettidas, involuntariamente, estou certo, n'aquellas noticias que S. S. deu a lèr ao publico d'esta capital, que nenhuma razão tinha para o reputar mal informado.

Contra a sua individualidade? Mas onde e quando comgatie u individualidades, conhecidas ou incognitas, no

conveniente dirigir, como apostrophe, á minha obscura individualidade: *Gesta tua non laudantur.....*

4.º Disse mais, em outras palavras:— *que os medicos no Brazil envenenam os seus doentes de beri-beri com o xarope do Dr. Easton, e obstinam-se em proseguir em tão cruel empirismo, não obstante morrerem todos os annos muitas pessoas de beri-beri.* Com effeito, outra cousa não é o affirmar S. S., na sua correspondencia de maio, que se administra aqui o tal xarope aos beribericos *a mais não poder*, isto é, até produzir *ataques nervosos* e a *morte* aos infelizes que se sujeitam a *tão falso* tratamento. Logo, morrem da *cura*, podendo, talvez, escapar da molestia, disse eu.

No pensar do correspondente, portanto, aquellas miseras creaturas tomam o xarope de Easton *a mais não poderem*, e se não tomam mais é justamente porque morrem do que já tomaram. A conclusão logica é, que aquelle remedio é peor do que a molestia; e que os medicos não são muito melhores do que elle, visto que persistem desastradamente em *eastonisar* os beribericos.

E depois de ter asseverado aquillo em relação aos medicos do seu paiz, ainda nos vem dizer o illustrado correspondente que: *« não vê onde esteja a offensa irrogada á classe medica da Bahia (do Brazil tinha elle dito), a injustiça clamorosa ao seu criterio, e ao seu character profissional!*

Mas, que lhe havemos nós de fazer, se elle o entendeu assim, e insiste em que entendeu bem? E' tomar cada qual para si a parte que lhe toca n'aquella apreciação. Eu por mim já tomei a que me pertence, e mais avantejada agora por ter ousado arriscar em publico a minha humilde opinião em contrario. Vejo que fiz mal, porem já é tarde!

Mas, a proposito deste ponto, permitta S. S. que ainda

o importune com uma reflexão a respeito do seguinte modo de argumentar que, a não provir de algum lamentavel descuido, como creio que provem, me causaria grande admiração e desgosto; cita S. S. um trecho meu deste modo—*«aquelle xarope não é hoje o preparado que mais extensamente se emprega no Brazil na cura do beri-beri.»*

E d'ahi tira immediatamente esta formidavel conclusão:—*«logo, até certo tempo empregava-se extensamente, ou antes, exclusivamente, etc.»* e prosegue dizendo, que só a longa e dolorosa experiencia fez desvanecer as esperanças na sua efficacia.

A conclusão é bem deduzida, sem duvida, e seria realmente para atordoar um fraco argumentador como eu, se reparando para o meu texto não visse que S. S. lá deixou cahir da penna, sem intenção, devo crer, aquelle dyssillabo—*hoje*—que é a base do seu raciocinio. Isto não é uma metonymia, de certo, nem outra qualquer figura, supponho, mas... desfigura lastimosamente o meu dizer, em meu prejuizo e vantagem para S. S., o que de nenhum modo é equitativo.

A respeito do numero de beribericos mortos pelo fatal xarope de Easton, com ataques nervosos ou convulsões, e de que teve noticia, o illustrado correspondente apresenta, como prova do que affirmou em sua carta de maio, o total de... 1.

O numero dos que as tiveram e escaparam, ao que parece, sobe a... 2.

E' por isso, e pelas informações que lhe foram fornecidas por individuos que soffreram de beri-beri, que S. S. responsabilisa o xarope de Easton, e portanto os medicos que o receitam, pela morte de muitas pessoas que *todos os annos* succumbem ao beri-beri no Brazil, ou, por outra, ao tal xarope!

A argumentos desta especie não ha realmente nada que dizer.

5.º Disse, finalmente:—que a redacção da *Gazeta Medica* prestaria um serviço, procurando abrir uma discussão larga, scientifica, digna, *sobretudo*, ácerca de tão importante assumpto (o trabalho do Dr. Bozzolo sobre o *ankylostoma*, que S. S. perguntou se não será o nosso terivel beri-beri). Eu respondi que isto queria dizer que aquelle periodico ainda não tinha aberto, sobre o assumpto alludido, uma discussão nas condições recommendadas por S. S.; e affirmei que em todos os seus 11 volumes já publicados se encontram naquella revista numerosos artigos, nos quaes se discutiu aquella materia, larga, scientifica e dignamente, como sempre o quiz e ha de querer a sua redacção

Ora, não ha duvida que o conselho é bom, absolutamente fallando; mas o proprio facto de S. S. o suggerir e recommendar com tanta instancia, implica a necessidade que teve de o dar, pelo receio de que, sem elle, a *Gazeta Medica*, a proposito da hypoemia e beri-beri, iria, talvez, procurar para modelos de discussão scientifica os libellos diffamatorios, etc., etc., que S. S. justamente reprova e condemna entre homens de sciencia.

Diz o correspondente a este respeito que os máos exemplos e os máos costumes são importados em grande parte de Portugal, e allude ao recente assalto de que alli foi victima uma princeza litterata. A *Gazeta Medica* até hoje, graças a Deus, só tem procurado imitar os bons exemplos que, felizmente, ainda por lá e por cá se encontram.

E S. S. como homem de letras, e, de alguma sorte, vinculado á imprensa jornalística desta provincia, não deve, desculpe dizer-lh'o, limitar-se a moralisala só com os bons exemplos que lhe dá em seus escriptos, mas profligar tambem severamente os importadores d'aquella ruim, detestavel mercadoria, e impedir, quanto ser possa, o seu consumo entre nós.

Quanto á *Gazeta Medica*, não tenha S. S. receio de que a affecte o contagio desses máos exemplos.

*
**

Aqui termino as reflexões, já em demasia longas, que me occorreram a respeito dos trechos que eu impugnei ou rectifiquei no meu primeiro artigo, os quaes S. S. pretendeu sustentar, affirmar e confirmar na carta a que respondo.

A alguns topicos incidentes, ou secundarios que nella encontro, nada tenho que dizer, como entre outros áquelle em que, como prova de cousa nenhuma sabem os medicos brazileiros sobre causas e tratamento do beri-beri, aponta o facto de ter o governo imperial nomeado *commissões de medicos*, provavelmente para o instruirem sobre a materia.

Lido, como nos mostrou ser, em textos hippocraticos, pormittirá S. S. que, seguindo o seu exemplo, recorde tambem aqui o seguinte, como remate deste meu segundo e ultimo artigo sobre o assumpto da sua doutissima carta.

Quod enim peregrinum est, cum nondum intellexerint an bonum sit, magis laudant, quam familiare, quod jam bonum esse sciunt; et alienum magis laudant, quam probe notum.

Agosto, 8 — 1880.

BIBLIOGRAPHIA

RHEUMATISMO CHRONICO NODOSO DAS CRIANÇAS—
Recebemos a traducção da interessante memoria que sobre este assumpto escreveo o nosso erudito collega do Rio de Janeiro o Sr. Dr. Moncorvo de

Figueiredo, feito pelo distincto redactor do *Jornal de Medicina de Bordeaux*, o Sr. Mauriac.

«Esta monographia, diz o illustrado traductor, é a primeira que conhecemos ao menos, escripta sobre o rheumatismo chronico nodoso das creanças. Por este titulo, e independentemente das outras qualidades que a distinguem, merecia ser conhecida dos medicos francezes.»

Facilitando aos collegas a leitura do trabalho clinico tão consciencioso e rico de erudição do Dr. Moncorvo, o distincto traductor reconhece a utilidade da obra, e faz justiça ao merito do nosso infatigavel collega e patricio, que continúa a enriquecer a litteratura medica brasileira com os fructos de sua constante dedicação á sciencia.

DEMARCAÇÕES MEDICAS E CIRÚRGICAS — Fomos obsequiado pelo Sr. Dr. Innocencio dos Santos Lopes Cavalcanti com um exemplar da traducção do importante opusculo que sob este titulo publicou o Dr. Luebero Holden, cirurgião do hospital de S. Bartholomêo em Londres.

O trabalho é precedido por duas cartas dos nossos estimaveis collegas os Srs. Drs. J. F. da Silva Lima e Ramiro Affonso Monteiro, em que louvam o bom serviço prestado pelo traductor aos que entre nós aprendem e exercem a medicina e a cirurgia, «offerecendo-lhes a traducção portugueza de um precioso guia, tanto para maior facilidade do diagnostico de muitas molestias internas, como para a pratica d'aquellas operações e manobras cirurgicas em que a precisão e a segurança dependem do exacto conhecimento da situação e das relações dos órgãos interessados.

O valor intrinseco do livro, a sua necessidade, e ainda o esmero e attenção com que foi trasladado em lingua vernacula, lhe asseguram uma acceitação con-

digna do seu merito, e tambem dos louvaveis esforços do traductor em o vulgarisar entre os alumnos e membros da classe medica Brasileira.

REVISTA ACADEMICA — Com este titulo sahio á luz, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, uma publicação quinzenal redigida pelos Srs. Alvaro Alberto da Silva, Pedro Nolasco e Fonseca Jordão, alumnos da mesma Faculdade.

Agradecemos a remessa, e applaudimos o generoso esforço da mocidade academica que não esmorece ante o indifferentismo geral que existe em nosso paiz para os commettimentos litterarios e scientificos.

NOTICIARIO

O Professor Broca — A morte tão imprevista como subita do professor Broca repercutiu dolorosamente em França e consternou o mundo scientifico.

Professor de clinica cirurgica, cirurgião dos hospitaes, membro da Academia de Medicina, official da Legião d'Honra, senador inamovivel, Broca não era só um professor erudito, como attestam as suas numerosas obras, era ainda um antropologista eminente, um philosopho notavel por suas vistas largas e profundas.

Livre pensador sem ser precisamente *positivista*, applicava todavia o espirito e o método da philosophia positiva em todos os seus trabalhos.

Em 1860 o distincto professor de clinica externa da Faculdade de Pariz fundou a Sociedade Antropologica, dando assim andamento aos estudos encetados anteriormente em França por Lewis, G. Saint-Hilaire, Quatrefages.

Em 1876 elle creou o Instituto anthropologico, onde se professa publicamente a anatomia comparada, a ethnographia e a demographia.

Nasceu em Sainte Foy, no departamento da Gironde, em 1824. Falleceu inesperadamente em consequencia de um aneurisma.

As exequias do professor Broca tiveram lugar no dia 11 de Julho no cemiterio de Montparnasse.

Assistiram a ella deputações do Senado, Faculdade de medicina, Academia de medicina, Sociedade de Anthropologia, de Cirurgia, de Biologia, muitos internos e estudantes de medicina e grande numero de pessoas.

Pronunciaram discursos:

Eugenio Pelletan em nome do Senado, Verneuil em nome da Faculdade de medicina, Frèlat pela Academia de medicina, Filiaux pela Sociedade de Cirurgia, Blaye pela Sociedade d'Anthropologia, Dumontpallier pela Sociedade de Biologia, Gariel pela Associação franceza para o progresso das sciencias, Henri Martin pela sciencia historica.

Este ultimo recordou as palavras fatidicas de Broca aos seus admiradores quando ha poucos mezes festejavam sua eleição de senador inamovivel.

«Meus amigos, dizia elle, sou muito feliz!

«Todos os sonhos d'ambição que poderia ter um homem que consagrou sua vida ao estudo realisaram-se para mim, e se fosse tão supersticioso como os antigos, considerava minha eleição ao Senado como o presagio d'uma grande catastrophe, talvez como um presagio de morte.»

O Dr. Gitahy — Falleceu no Rio de Janeiro no dia 16 do corrente o Dr. José Muniz Cordeiro Gitahy, cirurgião-mor de divisão do exercito.

Matriculou-se em 1846 na nossa Faculdade de medicina, onde obteve o grau em 1851, e no seguinte anno entrou para o quadro do exercito onde serviu com distincção.

Fez toda a campanha do Paraguay, onde prestou importantissimos serviços, dirigindo as ambulancias volantes que seguiam na vanguarda do exercito commandado pelo general Osorio, depois Marquez do Herval.

Alem de ter sido por diversas vezes louvado em ordens do dia, o Dr. Gitahy foi agraciado com os habitos de Christo, de S. Bento de Aviz, condecorado com o officialato da Rosa, e com a medalha de merito com passador de ouro.

Era natural d'esta provincia, e contava 52 annos de idade.

Neurologia medica — No dia 4 de Julho falleceo n'esta capital o Dr. Ernesto Hermelindo Ribeiro, medico do hospital do Mont-Serrate.

No dia 6 de Agosto falleceu na cidade de Cachoeira o Dr. Luiz Navarro d'Andrade, medico da Estrada de Ferro Central.

No dia 17 falleceu na cidade de Valença o Dr. Domingos Velloso Guimarães, recentemente doutorado pela Faculdade de Medicina d'esta capital.

No Rio de Janeiro falleceu no dia 9 o Dr. Luciano Augusto d'Oliveira.

Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro—Foi nomeado lente cathedratico de anatomia topographica e operações, na vaga deixada pelo illustrado Sr. Conselheiro Andrade Pertence, e Sr. Dr. Claudio Velho da Motta Maia, lente substituto da secção de sciencias chirurgicas na mesma faculdade.

Faculdade de Medicina da Bahia—No dia 28 de Julho encerrou-se o prazo da inscripção para o concurso á vaga de lente substituto á secção de sciencias accessorias deixada pelo prematuro fallecimento do joven e distincto professor Dr. Romualdo Antonio de Seixas Filho.

Apresentaram-se candidatos os Srs. Drs.:

Carlôs da Silva Lopes.

Sebastião Cardoso Filho.

Luiz Anselmo da Fonseca.

Alexandre Evangelista de Castro Cerqueira.

No dia 3 de Agosto foram remettidos aos candidatos os pontos dados pela Congregação para as theses que devem ser apresentadas impressas em 17 de Setembro.

MISCELLANEA

A EXTIRPAÇÃO DO CORPO THYROIDE—O Sr. Dr. Til-laux communicou recentemente á Acadedemia de medicina de Pariz o facto interessante de uma extirpação do corpo thyroide, praticada por elle no hospital Beaujon com o mais feliz exito.

O doente tinha 29 annos e a molestia datava de 4 annos. Esta apresentava-se com a forma de hypertrophia muito consideravel da glandula. Accidentes graves de disphagia e suffocações tinham-se manifestado

repetidas vezes. O habil e ousado cirurgião propoz-se a extirpar o tumor e fel-o.

Seguiu pouco mais ou menos o processo de Michel de Strasbourg. Os dois principaes processos para a thyroïdectenia são os de Michel e de Greene.

Para se avaliar das difficuldades da operação basta dizer que levou hora e meia e que foi necessario applicar umas 40 ligaduras.

O methodo de Lister foi rigorosamente empregado durante a operação e continuado no curativo.

O doente restabeleceu-se em 15 dias.

Este brilhante caso fará esquecer os *échecs* de Desault, Roux, Dypuytren, Chassaignac e Nelaton; e fará recordar que em França sobre 100 extirpações da glandula thyroïde praticadas até agora, dois terços tem sido bem succedidos. (*La Tribune medicale*, maio de 1808.)

CASO SINGULAR DE VARIOLA—Uma peça pathologica muito interessante foi apresentada em julho á Academia de Medicina de Pariz pelo Sr. Zabbé e em nome do Sr. Dr. Alberto Vidal, de Grasse. Trata-se de um feto vindo ao mundo, vivo e coberto de pustulas variolicas, sem que a mãe, vaccinada, jamais tivesse tido variola. Tem-se assignalado casos, e o Sr. Depaul o fez recentemente de variola sobre-vinda em fetos em consequencia das mães acharem-se affectadas d'esta molestia; mas o factó do Sr. Vidal é o unico até hoje conhecido.

O que tem uma grande importancia neste factó é que a criança foi concebida no fim do mez de Novembro ou no principio de Dezembro de 1870, sendo o pae *accommettido de variola semi-confluente nos primeiros dias do mez de Dezembro de 1870.*

O pae procreando o filho transmittiria o germen da variola e a criança não teria contaminado a mãe.

BIBLIOGRAPHIA MEDICA NACIONAL

Organizada pelo Dr. SILVA ARAUJO

156 * *Considerações medico-legaes acerca do attentado contra o pudor da menor Leopoldina, ou refutação da Memoria apresentada á Academia Imperial de medicina pelo Dr. Francisco Ferreira de Abreu com o titulo:*

Considerações medico-legaes sobre um caso controverso de infracção do artigo 223 da nossa legislação criminal, por Antonio José Pereira das Neves, doutor em medicina. *Rio de Janeiro, Typ. Americana de José Soares de Pinho, 1857, in—8.º gr. de 54 pag. num., 1 fl. de erratas.*

157 * *Relatorio* do estado sanitario da Provincia de Pernambuco no anno de 1856, apresentado pela commissão de hygiene publica da mesma. *Pernambuco, Typ. de M. F. de Faria, 1857, in—8.º gr., de 146 pag. num. com mappas estatisticos.*

158 * *Vademecum* do parteiro (ultima edição—3.ª), pelo Dr. Eduardo Rigby, traduzido do inglez pelo Dr. Antonio Franco da Costa Meirelles. *Bahia, Typ. de Carlos Poggetti, 1857, in—32.º de 64 pag. num. 1 fl. de erratas.*

159 * *Relatorio* da viagem da corveta *Imperial Marinho*, feita a diversos portos da Europa nos annos de 1857 e 1858. Apresentado pelo primeiro cirurgião da armada Dr. João Ribeiro de Almeida, quando segundo mais antigo da corveta. *Rio de Janeiro, Typ. Imparcial, de J. M. Nunes Garcia, 1858, in—8.º gr. de 52 pag. num.*

160 * *Adversaria ophthalmologica* ou considerações criticas sobre alguns pontos em litigio concernentes á operação da catarata por S. Ex. o Sr. Dr. Carlos F. Carron du Villardg. *Rio de Janeiro, Typ. Universal de Laemmert, 1850, in—8.º gr. de 38 pag. num.*

161 * *Medicina* (a nova) fundada sobre a lei fundamental da natureza ou segundo os cinco principios que constituem a natureza humana para conhecer o principio da vida e a causa de que procedem todas as enfermidades tal qual o autor da natureza estabeleceu para que nenhum vivente fosse eterno, por Desiderio José da Costa Tibau. *Rio de Janeiro, typ. de F. de Paula Britto, 1859, in—8.º gr. de 291 pag. num., 1. fl., IV pp. de indice, 1 fl.*

Ha nova edição d'esta obra: *Rio de Janeiro, typ. de Soares & Irmão, 1875, in—8.º gr. de 60 pag. num., com o retrato do auctor.*

162 * *Memoria* sobre a conservação das mattas, e arboricultura, como meio de melhorar o clima da provincia do Ceará. Por... (*Thomas Pompeu de Souza Brazil*) *Fortaleza, typ. Brasileira de Paiva & Companhia, 1859, in—8.º gr. de 36 pag. num.*

163 * *Resecção* completa do maxillar superior direito e parte do esquerdo, assim como de um dos ossos proprios do nariz e do vomer: operação pela primeira vez praticada no Brazil: aos 20 do mez de julho de 1858, pelo Dr. Antonio da Costa. *Rio de Janeiro, typ. de F. de Paula Britto, 1859, in—8.º de 40 pag. num., com 2 estampas.*